



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)**

PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

FRANCISCO GLAUCO DE SOUSA BRITO

**A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ POR MEIO DA MÍDIA VIRTUAL
OCIDENTAL, O CASO DO BRASIL.**

ACARAPE – CE

2018

FRANCISCO GLAUCO DE SOUSA BRITO

**A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ POR MEIO DA MÍDIA VIRTUAL
OCIDENTAL, O CASO DO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Krieger Barreira.

ACARAPE - CE

2018

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo verificar, expor e analisar as abordagens feitas pelos sites, G1 e UOL; dois grandes portais de notícias do Brasil; na questão em que se refere ao Islã durante o ano de 2015, período em que ocorreu o atentado terrorista ao jornal semanal satírico francês, Charlie Hebdo. Trata-se de identificar pontos a respeito do mundo Islâmico, da religião, da política, para identificar o que é terrorismo de grupos radicais e extremistas e o que é o Islã de fato, sua repercussão nas mídias virtuais no Brasil e como seu público toma conhecimento, nos sites G1 e UOL, dois dos maiores veiculadores de notícias do Brasil. Baseando-se fundamentalmente para análise, nas obras dos autores Edward Said, Noam Chomsky e Peter Antes. A partir do autor Edward Said entender o Orientalismo e como ele se desenvolve enquanto processo histórico, já com Noam Chomsky refletir sobre os desafios da mídia ocidental, brasileira, em questão, em retratar o Oriente e nesse caso específico o Islã, através das matérias nos sites G1 e UOL no período de 2015 contando com o livro, *Covering Islã*, também de Edward Said, utilizando Peter Antes com o intuito de compreender o que é religião e política do mundo árabe mulçumano, verificar e fazer comparações com as obras aqui citadas em relação as narrativas sobre o Islã que são veiculadas através das grandes mídias.

Palavras-chave: Islã, Oriente, política, mídia, Brasil.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 5 |
| 2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA | 13 |
| 3. JUSTIFICATIVA | 16 |
| 4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA..... | 18 |
| 5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 20 |
| 6. REFLEXÕES METODOLÓGICAS | 22 |
| 7. MÉTODOS / DESENHOS DOS INSTRUMENTAIS DE PESQUISA | 24 |
| 8. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES..... | 25 |
| 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES..... | 26 |

1. APRESENTAÇÃO

A história é repleta de séries de acontecimentos que nos mostram o que houve no passado para que de alguma forma possamos compreender o processo de evolução, relatando o que na história foi se transformando do passado mais longínquo até o momento mais atual. É evidente que cada cultura tem sua própria particularidade na forma de transmitir uma informação, seja ela transmitida oralmente ou visual no caso dos desenhos rupestres, hieróglifos, escritas e simbologias físicas, como objetos sagrados, de adoração, as próprias armas como as lanças, tacapes e machados entre demais objetos, estes que possuem um valor histórico por sua representação de cada cultura e civilização em questão, dependendo do seu estado de conservação quando encontrado e interpretação de quem o estuda.

As culturas e civilizações dominantes tendem a ter mais visibilidade em seus relatos sobre a história, existem milhares de estudos sobre, mas acaba se tornando porta de entrada para outro grande debate; o que pode ter relação com fatores econômicos ou interesses políticos e religiosos. O estrangeiro, ocidental, o europeu e o americano do norte, eram tidos como superiores, dominantes ou aptos a produzir conhecimento a respeito do Oriente, para ilustrar melhor essa afirmação tomamos como exemplo, os Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, utilizando seus meios midiáticos, com filmes, livros e jogos sobre o ocorrido ilustrando o conflito através do seu ângulo da história, com documentários, livros, filmes, notícias, reportagens e franquias aclamadas de jogos como Call of Duty e Medal of Honor, nos quais a ideia principal dos games gira em torno de combater o Fuhrer e sua tropa de nazistas, os países aliados, Estados Unidos, França, Rússia, Grã-Bretanha (os principais protagonistas), contra os países do eixo, Alemanha, Itália, Japão (os principais protagonistas), de um lado o anti-fascismo e do outro o fascismo do regime nazista, conflito que teve seu fim na vitória dos países aliados. Domínio esse que também era exercido pela Inglaterra e a França sobre o Oriente e mais tarde pelos Estados Unidos, exercendo essa dominância a fim de resumir e abranger ele por inteiro como um só, o “orientalismo” vem como proposta contrária a essa ideia.

“O Oriente era quase uma invenção europeia e fora desde a antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas de experiências notáveis”. (SAID, 1978, P. 13). Nele estão contidas todas as noções ocidentais do Oriente, um termo que engloba as suas respectivas características como as artes, pinturas, representações e toda a mítica que ele representa que para ser compreendida surgiu esse termo, independente de cair

ou não como uma luva nesse estudo, o “orientalismo” é o nome que se dá ao conhecimento produzido pelo Ocidente no que se refere ao Oriente e ao oriental.

Devemos abordar o Oriente de um ponto de vista epistemológico, quando se fala “orientalismo”, termo que vem caindo na preferência dos estudiosos segundo Edward Said (1978), por ser bastante vago, se resume muito e deixa a desejar em todos os aspectos de algo tão plural quanto o Oriente, é o mesmo que ocorre com a África, um continente que muitas vezes é tratado, como um país, resumindo e deixando de fora a enorme história e cultura presente de cada região da África, ou a dividindo em África saariana e sub saariana, traçando uma linha do que está acima e do que está abaixo do deserto, o que é um longo caminho até chegarmos a uma compreensão em que não tratemos tão resumidamente um hemisfério, um polo, um continente e assim por diante. Tendo em vista que essa produção de conhecimento seja benéfica para o estudo mais aprofundado de objetos como o tratado aqui, neste caso o Oriente, sua política, sua religião principalmente, o Islã como é retratado pela mídia, até os mais extremos e radicais ao moderno e o mais pacífico.

Geralmente quando se fala de Islã, também é mencionado o cristianismo, como o catolicismo e o judaísmo, pois muitas das vezes acabam por fazer comparações entre eles por parte da mídia; mas neste projeto vamos focar muito mais no Oriente aprofundando o tema de modo que possamos chegar a discussão que este trabalho almeja tratar, o Islã, dando maior visibilidade a ele em relação ao Ocidente, o que é exatamente o oposto que estamos acostumados a ver, pelo fato de que pouco se produz no Brasil estudos a respeito do Islã e juntamente com as notícias de atentados com grupos radicais ligados a religião buscaremos analisar como se dá uma construção de uma imagem sobre eles; não estou dizendo que não haverão comparações, até porque em determinado momento elas se farão necessárias para uma melhor compreensão do assunto.

O Islã é a religião que provém do profeta Mohammed ou Maomé como é conhecido por nós, esta que surgiu como alternativa para as outras religiões árabes politeístas e monoteístas. Ao contrário do que as pessoas podem pensar, “Alá” não é o nome de um deus, mas sim a palavra para Deus em árabe, para os muçulmanos o Islã é muito mais do que só uma religião, para entender isso não sendo muçulmano de nascença é necessário estudo e interpretação, é para eles também a cultura, enraizada em hábitos e no estilo de vida, há uma certa relação entre lei e religião, que varia com cada corrente muçulmana, como a dos Wahabitas, as Irmandades, Sunitas e Xiitas. Nas próprias palavras de Alá, segundo o profeta Maomé, estão escritas as doutrinas da fé muçulmana, no Alcorão ou Corão, o livro sagrado muçulmano, dividido em 114 suras, que segundo a crença, o próprio Alá transmitiu a Maomé

através de sonhos e visões (o livro religioso islâmico). Entre os árabes há uma concepção um pouco diferente da concepção ocidental, da lei para o religioso, variando com cada corrente da fé muçulmana, as leis religiosas são utilizadas por alguns países islâmicos em questões que no Ocidente estamos habituados a ver ser reproduzida de outra forma, diferente dos ocidentais onde há uma separação não parcial, em setores que se encarregam da lei e religião, temos a Bíblia de caráter religioso e a constituição que se encarrega das leis, alguns grupos islâmicos com juízes formados em escolas europeias reproduzem em parte um pouco dessa forma de legislação das escolas europeias, mas com base na lei religiosa islâmica shaaria.

O Islã virou alvo da mídia mundial após acontecimentos como o atentado terrorista em 11 de setembro de 2001 ao complexo de edifícios, *World Trade Center* nos Estados Unidos, atentado atribuído a *Al Qaeda*, o grupo radical muçulmano de Osama Bin Laden, figura polêmica e associada ao terrorismo árabe pelos EUA, em função do ocorrido com certeza se intensificou um processo de inquietação em se produzir algo sobre o Oriente, os árabes, bem como o Islã, elementos de construção de estereótipos do povo árabe, um estranhamento de aspectos referentes ao Islã na tentativa de atribuir essas características a uma justificativa do ato, porque eram “aquelas pessoas estranhas, com diferente tom de pele, de costumes e língua estranha, além de sua cultura exótica” SAID (1978). Esse pensamento limitado ocidental transmitido nas mídias, o estranhamento do Oriente, a julga-lo arcaico e primitivo, algo que não saía do lugar, não evoluía como no Ocidente, um pensamento feito a partir de uma generalização ocidental, que devido a um fato chocante histórico surtiria efeito no cenário mundial, a repercussão do Islã, nas mídias, no geral. Com toda essa inferiorização do Oriente por parte da mídia foi cada vez mais fácil disseminar a ideia de que o Ocidente, o europeu está apto a produzir informações sobre os orientais com a mesma propriedade ou até se sobrepor a um orientalista muçulmano ou não-muçulmano em razão da visibilidade nos veículos de comunicação, independentemente deste fato, diferente do que possam vir a pensar os muitos orientalistas, que para se relatar o Oriente é necessário o uso do conhecimento de antemão sobre ele bem como para relatar o Islã, afim de que se possa fazer um relato sobre ele de forma equilibrada.

Se produz cada vez menos pesquisas voltadas para o Islã no Brasil possivelmente por seguintes fatores, seja pela falta de orientadores especializados, seja pela insignificância estatística confirmada pelo último censo nacional, que revelou o pequeno número de somente 18.592 muçulmanos no Brasil (ANTES, 2003, pag. 7), por isso os brasileiros recorrem a outras alternativas para tomar conhecimento do assunto, podendo

recorrer as mídias virtuais para tal. Em um Estado totalitário o poder se dá pela força, através do porrete, das armas, polícia e exército, no caso da democracia isso não é possível, então o poder ou a influência se dá através dos interesses midiáticos, “O porrete está para a ditadura assim como a propaganda está para a democracia” (CHOMSKY, 2002) , com isso o autor quer dizer que em uma democracia o governo ou estado não pode recorrer a violência nesse caso e por esse fator se utiliza da mídia que por sua vez possui um papel fundamental como formadora de opiniões, para garantir interesses e que estejam sendo representados da maneira que melhor se encaixar nos interesses do plano de governo, de certa forma, atualmente as pessoas ficaram mais preguiçosas, como se alguém tivesse que pensar por elas, o que explicaria o surgimento de vários formadores de opiniões em locais que variam de instituições acadêmicas a redes sociais. Na mídia televisiva que foi pioneira em propaganda e que se vê hoje em parte dessa reprodução na mídia virtual que aqui iremos abordar, essas são dotadas de, digamos um papel, uma representatividade, no caso da propaganda midiática o de defender interesses, representar uma parcela de interesses através de um discurso noticioso garantir a imagem a ser reproduzida dentro de um modelo democrático de governo, Chomsky no seu livro, “Mídia: propaganda política e manipulação” faz uma análise sobre os tipos de conceitos de democracia:

Permitam que eu comece contrapondo duas concepções diferentes de democracia. Uma delas considera que uma sociedade democrática é aquela em que o povo dispõe de condições de participar de maneira significativa na condução de seus assuntos pessoais e na qual os canais de informação são acessíveis e livres. Se você consultar no dicionário o verbete “democracia” encontrará uma definição parecida com essa. Outra concepção de democracia é aquela que considera que o povo deve ser impedido de conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser estreita e rigidamente controlados. Esta pode parecer uma concepção estranha de democracia, mas é importante entender que ela é a concepção predominante. (Chomsky, 2002, p. 6).

A partir dessa análise do autor podemos ver que o papel da mídia pode passar a representar interesses e abrir um questionamento para o debate entre notícia e discurso noticioso além da função de repassar a notícia, isso atinge proporções maiores uma vez que a mídia passa a ser a principal fonte de informações juntamente das redes sociais, em casos agindo de acordo com interesses argumentativos de um grupo tornando a propaganda da notícia como um único discurso a ser reproduzido, ou seja a propaganda vai determinar a imagem a respeito de uma determinada questão, apenas para o que tiver espaço na mídia terá força de demonstrar uma imagem ou ideia a ser disseminada, e que por sua vez vai acabar por dizer o que é bom ou ruim, o que as pessoas devem saber, a partir de seus interesses políticos, ideológicos e religiosos, se reproduzindo nas demais esferas que possuem visibilidade, bem como as mídias virtuais e

membros ativos das redes sociais aderem a causas e decidem qual ideia a se propagar e tentam de certa forma boicotar aquilo que não lhes são de interesse em comum, o que discorda totalmente com o sentido de uma liberdade de expressão, dentro de um modelo democrático, ou um estado democrático de direito, em virtude do conhecimento ter o poder de identificar o que é notícia e o que é discurso noticioso é bastante útil para não reproduzir equívocos, o que surge também com a globalização e desenvolvimento da mídia virtual e que também se aplica as redes sociais servindo para caracterizar aquilo que é sensacionalista, noticioso e que não merece ser levado em consideração. A questão não é afirmar que os sites abordados aqui exercem essa função mas estar disposto a pensar sobre como a forma que os sites veiculam as notícias influem na concepção de uma ideia sobre o Islã, não questionar quem são os mocinhos ou os vilões, certos ou errados, em posição contrária a essa, maniqueísta, pois nos campos de estudo isso não deve ser confiavelmente aplicado por ser demasiadamente relativo, se for levado em consideração o ponto de vista mais amplo como a luta de ideologias e de interesses de cada uma dessas esferas aqui tratadas, e abrir a mente para essa possibilidade de discussão, que não é absurda nem muito menos impossível, equívocos ocorrem e que por vezes a mídia falha no que se é esperado, ou seja, informar, porque uma informação noticiosa é muito mais uma desinformação, ou como Marx diria, alienação.

Nos casos G1 e UOL, aqui no Brasil, as notícias a serem abordadas tratam sobre o ocorrido de 7 de Janeiro de 2015, no jornal satírico francês, Charlie Hebdo; que ficou reconhecido por suas críticas irreverentes e profundas nos mais diversos assuntos mas em especial o abordado aqui, o Islã, bem como o profeta Maomé e práticas atribuídas ao Islã, a partir do ocorrido no jornal uma comoção geral e repúdio ao ato se alastrou pelas mídias; em que homens, descendentes de imigrantes, armados que teriam ligações com o islamismo fundamentalista e radical, extremistas atacaram a sede da revista em Paris, feriram e mataram 12 pessoas, após uma série de sátiras feitas ao profeta Maomé e hábitos que são atribuídos ao Islã. Após isso passaram a vigorar manifestações em forma de protesto por parte da mídia brasileira, tratando este incidente como um atentado a liberdade de expressão, uma espécie de tentativa de censura, a mídia e aos colunistas, casos como este que costumam trazer pontos de vistas de dois lados do conflito no mesmo debate, o que para a mídia se caracteriza como liberdade de expressão para os muçulmanos poderia ser confundido com libertinagem de expressão o que talvez possa ter assim se caracterizado para alguns muçulmanos, e que obviamente não foi do agrado de nenhum muçulmano principalmente os muçulmanos fundamentalistas, aos ligados a grupos radicais e até mesmo para aqueles das comunidades

brasileiras mas que optaram por expressar-se de outras formas como através das mídias ou nas próprias mesquitas comentando sobre o fato lamentável e afirmando que o ato ocorrido no jornal não lhes representava como membros da comunidade muçulmana, trataram como um alto insulto a religião as sátiras feitas pela revista, o que para os cristãos poderia ser caracterizado como blasfêmia, os descendentes de imigrantes agiram com um ato de retaliação de extrema violência que refletiria no Islã o atentado em que protagonizaram os dois terroristas, pois assim em sua provável concepção teriam vingado o profeta, como está nas matérias das mídias segundo o site G1, informando que após deixarem a sede do jornal gritaram palavras de ordem como “vingamos o profeta”, atingiram um policial e deixaram o local, a mídia por sua vez possa usar de fatos como esses para manifestar suas queixas ou descontentamentos em relação ao Islã, em casos como esse prevalecem o pensamento de terrorismo e generalização da violência como parte fundamental empregada ao Islã, interpretando o ato que se protagonizou pelos dois homens muçulmanos, no geral podemos observar que existe uma concepção negativa do Islã, uma atribuição que prevalece e se fortifica ao logo do tempo com esses incidentes que envolvem o Islã, como se a forma de exercer ou expressar a religião se desse por meio da violência, como forma de expressar a fé ou demonstrar religiosidade.

No caso do Brasil a mídia virtual tem grande papel por ser facilmente compartilhada nas redes sociais de maneira rápida e prática, com a velocidade dessa informação temos as notícias quase que senão em tempo real, então o cuidado ao se ler uma notícia com atenção se vê prejudicado pela rapidez com que chegam; por vezes com uma mídia mais preocupada em ter uma notícia do que dar a notícia; e o tempo para assimilação do conteúdo, possivelmente o público pode tirar conclusões a partir do título e da foto da matéria jornalística, apenas da manchete sem ter lido o artigo integral e logo após serem surpreendidas com uma retratação dos fatos ou uma nova notícia, isso é possível, apenas esperando a próxima notícia para se ter certeza ou tirar conclusões a respeito, também a foto e a legenda dentro de um contexto influenciam bastante em um contato do leitor ao que lhe é exposto. O que é mostrado sobre o Islã através da mídia não vem agradando as comunidades islâmicas no Brasil, pela tal generalização e demonização, o que tem virado pauta de discussão nas mesquitas do Rio de Janeiro (MONTENEGRO, 2002). A representação de um povo que é totalmente oposto ao Ocidental, um povo agressivo e arcaico, com doutrinas severas e a inferiorização da mulher, bem como propriedade do seu marido, sem direito ou voz ativa, e que não vivem como pessoas “normais”, que os jovens não se divertem, que as mulheres não vivem, que os homens vivem em guerra por causa do Islã e tipificações como ver um homem de turbante, de barba grande e

uma mochila é motivo de suspeitas pois pode vir a ser um terrorista, ou alguém no mínimo não civilizado, esses são exemplos de algumas visões deturpadas da imagem dos árabes que as mídias propagam tanto nos filmes, livros, novelas, na tv de uma forma geral e nas redes, portais de notícias bem como outras mídias virtuais que possam servir de base para a concepção ou construção de uma ideia que se aderida cada vez em um número maior de público consumidor desse assunto, pode ocasionar em diversos problemas e desafios para a fé muçulmana, levantando mais uma vez a questão do Ocidente na reprodução de um discurso preconceituoso ao longo do tempo que de certa forma deve se desconstruir devido ao surrealismo como são retratados, toda a ideia ilusória e mítica que tem se criado a respeito, o exótico como principal característica, comparações ao Ocidente na religião, cultura do Oriente e seus costumes, tendo em vista que grande parte dos árabes principalmente os de idade avançada carregam um pouco mais da tradição, se vestem da mesma forma por assim dizer com bases nos costumes do seu País de origem, (não as mesmas roupas) sendo eles terroristas ou não seguem características de seu País, o que é simplesmente uma identificação cultural, manifestada através das roupas também, a generalização não é algo saudável para qualquer análise, tanto jovens quanto adultos se vestem da maneira tradicional e ao mesmo tempo não, isso pode variar de local e ocasião, crença, seguimento das tradições e identificação com essas características, muitas das vezes pode se cair no erro em referir-se a determinado assunto como discussão de práticas e costumes sem situar tempo e espaço, em que época qual comunidade exercia determinadas atividades, não situando do local e contexto ao qual se aborda e com uma certa displicência ao analisar o contexto a que se refere de fato, em outras palavras, é preciso contextualizar cada situação, devido a isso a necessidade de orientalistas, os estudiosos e pesquisadores com interesses em comum interessadas no Oriente e ainda no Islã e sua história, saberiam eles quais países são muçulmanos e as formas como reproduzem isso, quais vertentes seguem, as escolas islâmicas, o fundamentalismo e a moderação entre as vertentes xiita e a outra vertente sunita que muitas vezes invertem os papéis ao longo do tempo ou mesmo a interpretação sobre elas, fatos estes que influem imensamente na forma de abordar e de se pensar o Islã. A ignorância é a principal causa do medo, é a porta de entrada para um domínio estabelecer o que a mídia possa transmitir, as ideias de terror, da ideia de um falso nacionalismo que luta para proteger uma nação, quando na realidade é uma luta por interesses políticos, econômicos, dentre outros, estabelecidos por uma elite, como por exemplo, os Estados Unidos outrora o fizera com tamanha classe e maestria, a ignorância gera essa possibilidade de manuseio, na ausência de um pensamento individual populacional o governo pensa por você, segundo a análise de Noam Chomsky “(...) Os interesses comuns escapam completamente da opinião pública e só podem ser

compreendidos e administrados por uma classe especializada de homens responsáveis que são suficientemente inteligentes para entender como as coisas funcionam” (CHOMSKY, 2002) com isso o autor quer nos dizer que o pensamento da elite que compartilham dos interesses dessas classes especializadas se reproduz através dos meios de comunicação, a mídia transmite e as pessoas reproduzem sem questionar na crença de que seus interesses estão sendo representados, em função de uma falsa ideia de nacionalismo em acreditar que o governo os protege do “mal”, o que pode se caracterizar como a imagem do inimigo, por conta do medo introduzido nessas pessoas, elas serão facilmente manipuladas e levadas no sistema e conseqüentemente nas possíveis soluções que ele apresentar. As notícias de atentados e desgraças sobre o Oriente são só o que se toma conhecimento, a mídia se fixa em função dessa desgraça alheia, olhando desse modo, o que explicaria o crescimento de programas de notícias voltados para tragédias e os interesses políticos nestes veículos da informação, na mídia há pouco espaço ou nenhum para questões fora do interesse midiático, senão tragédias, assim buscamos compreender esse interesse por tragédia, pois materiais sobre estudos islâmicos se tem, mas pouco são divulgados ou promovidos como diz Peter Antes, pela falta de especialistas no assunto ou pela escassez de representatividade desses povos em nosso país, será por que chamam menos atenção? Será por que a mídia somente trata a questão desse tema violento por interesse da população? Porque tragédia chama mais atenção do público ou o público acostumou-se a ver tragédias? Essas são algumas das perguntas inquietadoras que influenciaram na produção deste projeto, e chegar a resposta para isso não é algo fácil nem muito menos concreto, tendo em vista os desafios de responder a esses questionamentos, levando em consideração que aqui apresentamos o foco desse projeto como a representação do Islã através da mídia virtual, Ocidental, no caso o Brasil, trataremos aqui como a mídia brasileira, os sites ,G1 e UOL, como dois grandes portais de notícias trataram essas notícias envolvendo os muçulmanos terroristas e em consequência disso ao Islã e a repercussão que tiveram, como foram representados, se houveram comparações com ocorridos anteriores, em que ocorridos anteriores influenciaram e como influenciaram no atual cenário de visibilidade do Islã, no que podem haver generalizações, uso de estereótipos e diferentes interpretações do fato ocorrido ou mesmo semelhanças.

2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A representação do Islã por meio da mídia virtual ocidental por meio dos sites G1 e UOL será tratada neste trabalho, tendo em vista que a mídia, um dos principais veículos de informações, tem a função de apresentar em primeira instância o objeto a ser noticiado de forma neutra e imparcial, documentando somente a realidade dos fatos, porém as formas de transmitir informações ao seu telespectador, vem muitas vezes de forma errônea, podendo até chegar a ter um aspecto de tendenciosa e/ou sensacionalista o que pode caracterizar uma busca de audiência, carregadas de um estereótipo de construção do ponto de vista ocidental em relação ao Oriente embasadas no ponto de vista Ocidental e não no orientalismo, ou no Orientalismo o qual descreve Said por exemplo, e na forma de se produzir conhecimento a respeito do Oriente que engloba o termo orientalismo. Desse modo, o objetivo geral dessa pesquisa se constitui essencialmente em verificar como o Islã, a religião islâmica é retratada pela mídia ocidental, neste caso, G1 e UOL, e o seu papel no que diz respeito a formação de estereótipos por parte do seu público, com o intuito de identificar quais relações são estabelecidas na construção e transmissão do conhecimento, entre as formas de abordagens feitas pelos sites de notícia brasileiros G1 e UOL no que se refere ao Islã. Para analisar de que modo se dá a construção de estereótipos ou ,não necessariamente, a influência no processo de produção desse tema mas de uma participação em parceria entre mídia e público na atribuição de noções e sentidos referentes ao Islã, a partir das informações que são disseminadas através desses veículos de comunicação, as redes virtuais de notícias, G1e UOL, e interpretadas por parte do seu público. E verificar como a partir daí seu público toma conhecimento de tais fatos e como pode se dá à construção Ocidental associadas a valores como fundamentalismo e valores obscuros, como radicalismo, sendo representado por esses meios de comunicação. Por vezes as generalizações tem se mostrado que sim são prejudiciais as análises e para um senso crítico, principalmente em casos de tal âmbito, como no caso em questão, de interesse internacional, tendo em vista que o Islã como religião tem se tornado alvo das mídias no geral em função de acontecimentos marcantes e históricos ao longo do tempo e intensificados a partir de 11 de Setembro de 2001 no ataque ao World Trade Center, em Nova Iorque, surge uma necessidade em se produzir material sobre este assunto, tanto a título de esclarecimento para os pesquisadores quanto para as mídias no geral em reportar o Islã de alguma maneira, no caso preferencialmente os média darão visibilidade ao terrorismo envolvido ao Islã, com práticas de atentados de Indivíduos islamizados mas não sobre o Islã em si. No caso Charlie Hebdo não é diferente, O Islã envolvido ao caso pelo fato da descendência dos praticantes e das palavras mencionadas segundo a

reportagem no G1, palavras de ordem e dizendo terem vingado o profeta devido as sátiras do periódico semanal francês, polêmicas a respeito do ocorrido no jornal se espalharam o que provavelmente pode ocasionar no desenvolvimento de teorias e uma linha de pensamento sobre o Oriente, o árabe e o muçulmano por parte do público da mídia virtual, a partir do ponto em que se toma conhecimento das barbáries de um povo estrangeiro do qual supomos que poucos brasileiros tenham alguma intimidade no sentido do conhecimento no tocante ao Islã no geral e passam a ter um conhecimento prévio sobre o assunto através de notícias veiculadas que podem confundir a imagem da religião, política, e terrorismo para o público, para ilustrar isso uma analogia, como por exemplo, é como pintar uma tela em branco, para aqueles pouco familiarizados com o orientalismo qualquer informação que possivelmente possa vir a ser absorvida e junto ela possa se desenvolver uma construção ou atribuição de sentidos por parte de seu público, um caso como este onde dois homens ligados ao Islã, invadem um jornal na França, o Charlie Hebdo, a segurança na área e a vigilância do local deveriam ser compatíveis ao padrão francês, o que levanta o questionamento sobre o ato praticado e sobre a competência dos envolvidos no ato de terror, como uma forma de atrair mais atenção e ao mesmo tempo demonstrando que iriam responder com hostilidade as sátiras feitas ao profeta, que os insultos feitos pela editora teriam esse tipo de consequência, que se inicia um debate sobre o que se caracterizou para a mídia como, aqueles que defendem a liberdade de expressão e condenam o ato como censura e tentativa de silenciar o pensamento como força de expressão através das charges, e para aqueles que possam achar um fato lamentável de libertinagem ou insulto a Maomé, a fé islâmica e a Alá, a forma como a revista se utiliza da representação dessas protagonistas do Islã, o que para os muçulmanos já se caracteriza como impróprio somente o fato de representação, e para satirizar a um alto nível crítico e por vezes nem tão humorístico, mas profundas com o intuito crítico de práticas consideradas diferentes ou estranhas aos olhos ocidentais. Para o portal brasileiro de comunicações G1 os ataques na França frequentes na época; o que é importante ressaltar: se devem as operações militares no oriente e a dificuldade de integração de comunidades imigrantes islâmicas no país, segundo o jornal, sendo este o próprio título da matéria, disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/porque-a-franca-tem-sido-alvo-de-tantos-ataques.html>>. O que desde a Segunda Guerra Mundial e com as migrações em consequência, deram o estopim a esse processo migratório também do mundo árabe, que se intensifica, o objetivo será verificar a matéria afim de descobrir como é reportado o Islã e como a mídia aborda na tentativa de mostrar como se dão essas tensões entre muçulmanos e não muçulmanos, da questão da migração e ainda sobre as operações militares em países em que se tem o Islã como religião, o portal G1 noticia como ocorreu o atentado ao

Charlie Hebdo na França em 7 de Janeiro de 2015, na ocasião em que dois jovens descendentes de imigrantes, atentaram contra a vida dos colunistas e mataram 12 pessoas na sede do jornal, estes que cometeram o atentado no satírico, ao deixarem o local mencionaram estar vingando o profeta, Maomé. Neste trabalho se busca entender o que pode acabar por relacionar o Islã a barbárie a partir do terrorismo, se sempre relacionado a ele pelas mídias, não apenas os dois indivíduos protagonistas do ato mas o Islã, no portal UOL verificar a forma de reportar este acontecimento, no caso o ato terroristas protagonizado pelos descendentes de imigrantes ligados ao Islã. Esta pesquisa se propõe em analisar as reportagens feitas pelos portais de notícias supracitados envolvendo o Islã no período de 7 de Janeiro de 2015, tratando do caso do Charlie Hebdo, sua repercussão, aspectos em que podem se confundir os conceitos de “muçulmanos moderados” e “muçulmanos radicais” na concepção de um público através dos media virtuais, uma vez partindo do pressuposto da utilização exclusiva dos médias como fonte de informação devido a poucas produções de estudos voltados para o Islã no Brasil, se torna difícil se pensar em Islã sem mencionar o terrorismo, com visibilidade de destaque nos media para a barbárie e toda a violência muçulmana contra os não-muçulmanos, e as consequências disso que se pretende pesquisar.

3. JUSTIFICATIVA

O estudo do Oriente e a forma como tomamos conhecimento dele é algo muito romantizado e cheio de estereótipos, o conhecimento Ocidental trata o tema como “orientalismo” o que se refere ao Oriente, ou seja, um termo que de certa forma acaba por fortalecer a ideia de separação do “eles” e “nós”, apesar dos orientistas tratarem com mais propriedade em questões que envolvem o Oriente, todos esses aspectos que tornam o outro exótico, até místico e ao mesmo tempo objeto de estudo do ocidental, o Islã que também está inserido nesse meio, não está isento desta situação, pois sobre a questão do islã, que por vezes lhes é atribuído fatores além de seu caráter, como o terrorismo que lhes é empregado e generalizado, sem o conhecimento e a devida separação de suas vertentes, o que se pode identificar nas reportagens na mídia sobre o islã, são frequentes notícias, tendo como título terrorismo, não necessariamente sobre o Islã em si mas a algo ligado a ele, como nesse caso o terrorismo, associação mais frequente após o atentado de 11 de setembro de 2001, a ocorrência deste fato histórico, as reportagens sobre o mundo islâmico e posições sobre muçulmanos ganharam visibilidade mundial e assunto para pauta de programas e jornais, tendo espaço na tv, nas redes e mídias virtuais mais recentemente em menções ao fato e em comparações, tendo em vista como a mídia tem papel de tamanha importância, tal como de veicular notícias e de certa forma construir caracteres e uma visão ao telespectador que a partir daí formula um conhecimento, em função disso, é importante interpretar dentro de um contexto crítico analítico e verificar como as mídias virtuais retratam o Oriente dentro do contexto do Islã, a fé islâmica, cultura, política e demais fatores, e abordar o islã a partir de uma visão epistemológica, de modo a analisar essa representação por intermédio das mídias virtuais e também portais de notícia, G1 e UOL, comparando e relacionando as informações coletadas nas matérias dos sites com o discurso do orientalista, com o conhecimento de causa de um dos mais importantes intelectuais palestinos, o orientalista, crítico literário Edward Wadie Said, de forma que possamos identificar a importância que essas mídias exercem na construção de estereótipos ao seu público alvo, tendo em vista que o jornalismo pode agir como agente de transformação e que ao invés de só informar uma notícia, influenciar a formar opinião e tomar forma como guia ideológico de seu público alvo, se faz importante esta pesquisa de caráter crítico analítico e comparativo estabelecendo relações entre as obras, *Covering Islam** e *Orientalismo*, de Edward

* No livro *covering islam*, Said aborda o fracasso da mídia em retratar o islã, fazendo análises de uma série de reportagens das mídias Ocidentais.

Said, da obra *Mídia*, do linguista Noam Chomsky, que faz uma análise sobre Mídia e a propaganda, as causas da propaganda de determinado discurso reproduzido pelas mídias trazendo parâmetros de comparação a ambos, ressaltando concordâncias e diferenças entre os dois para a partir daí, então formar uma perspectiva sobre este tema, atual, polêmico que ganhou o âmbito acadêmico fazendo desta pesquisa mais um tijolo do alicerce de conhecimento sobre o Islã, sua fé, sua cultura, dogmas, como é representado no Brasil através dos portais de notícias e aquilo que a mídia possivelmente pouco retrata ou raramente retrata, que seria o Islã em si, e não somente reportar acontecimentos que acabam por se relacionar a ele, atribuindo atos terroristas como principal ou única característica do Islã, vale ressaltar que Islã e Estado Islâmico não são a mesma coisa, mas que por vezes estes acabam que por serem relacionados de alguma forma, tanto pela mídia como na interpretação de seus telespectadores como sendo o mesmo.

Não se trata de defender o Islã, mas de defender um senso ético e crítico para que assim se possa de melhor forma exercer uma abordagem equilibrada sobre o tema em questão com desejo de possibilitar o melhor diálogo de ambas as partes, trata-se também de entender a mídia como um agente transformador e não só como um transmissor de notícias dotada da capacidade de influenciar pontos de vista e opiniões, não para que assim se possa corrigir as críticas e queixas que os meios de comunicação visivelmente possuem sobre o Islã mas para analisar em termos de notícias e opiniões expressas nas mídias, para se chegar a um entendimento sobre os papéis e responsabilidades da sociedade em geral e para a mídia na produção de notícia, na reprodução de opiniões e na defesa do discurso religioso, não do Islã mas das religiões de modo geral, com uma certa atenção é possível rever as notícias diárias com um aspecto crítico para a harmonia e a compreensão de outras práticas religiosas, visando os desafios para se relatar o Islã na era que nos encontramos, nos vemos portadores de uma imensa conectividade, uma conexão em níveis globais e portanto as dificuldades em função dessa globalização da informação são consideráveis. Em função da violência se vê uma necessidade da mídia em buscar apaziguar as tensões tanto no quesito étnico quanto religioso entre as comunidades, reportando com informações equilibradas e objetivas. Com base no autor Said questionar sobre como a cobertura de notícias pode ser objetiva se os jornalistas não tiverem conhecimento, experiência em primeira mão, ou os contatos para entender por exemplo as cismas dentro do Islã, a cobertura não do Islã mas de notícias que envolvem o Islã, a forma como a violência por muçulmanos contra não-muçulmanos recebem muito mais atenção do que, como por exemplo, a violência muçulmana contra outros muçulmanos ou a violência não-muçulmana contra os muçulmanos.

4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Este estudo se propõe em fazer uma análise de que modo as mídias virtuais brasileiras, G1 e UOL, participam na construção de estereótipos relativos à cultura islâmica do ponto de vista Ocidental, no caso do Brasil, os primeiros ou principais contatos com matérias relativos a construção de um certo esboço sobre um povo árabe muçulmano feita por um público brasileiro e dessas mídias influenciando na atribuição e/ou construção e formação de sentidos a uma determinada etnia, à árabe, e a fé muçulmana no caso e com esse tipo de conteúdo que chega ao Brasil buscar compreender a forma como a construção que o Ocidente fez e vem fazendo sobre o Oriente ao longo de vários séculos, de estereótipos, ficções, homogeneizações, generalizações e uma tentativa de reduzir o Oriente afim de controlá-lo e legitimar uma superioridade Ocidental em julgar um padrão ocidental de certo e errado dentro de uma visão maniqueísta, justificando isso nas falácias de inferioridade, conflitos, atraso e estranhamento do outro e as tensões religiosas, e a forma como isso se reproduz no Brasil através dos métodos discursivos das mídias e juntamente com a participação do público na construção de uma ideia a respeito do oriental (muçulmano), em uma primeira apresentação de um povo, cultura e religião, dos povos árabes que podem ser confundidos com povos islâmicos, pois nem todos são muçulmanos, o que muitos não devem saber devido a homogeneização através dos médias, que quase ou nunca deixa de ter interesses relacionados a assuntos voltados para temas de tamanha relevância no contexto e cenário atual, tendo o discernimento de que, nem todo oriental é muçulmano e que nem todos os muçulmanos professam a fé da mesma forma, isso varia de cada escola, o Oriente não é nem nunca foi um lugar isento de interesses do Ocidente, em função disso até hoje isso se torna mais perceptível, que não é isento de interesses, pela forma como se vê representado pela mídia de forma homogeneizada, dando maior visibilidade em casos de violência e em tipos específicos dessa violência que se dá entre muçulmanos e não-muçulmanos, violências reproduzidas por muçulmanos contra os não-muçulmanos costumam ter maior visibilidade, enquanto que violência de muçulmano para muçulmano e a violência de não-muçulmanos contra muçulmanos costumam ter menor visibilidade, predominantemente tem maior visibilidade e são reproduzidas notícias ligadas ao Islã mas não sobre o Islã em si, usando uma fácil associação de peso pelo contexto histórico do Oriente que já esteve subordinado à França e Inglaterra (europeus) e Estados Unidos (América do Norte) se utilizando dessa dominância que já fora e continua a ser exercida para legitimá-la e afirmar que

o Islã é o que o Ocidente reproduz através dos medias. A partir da forma como se veiculam as notícias sobre o Islã verificar se está sempre associado ao terrorismo ou ao fundamentalismo religioso, através dos sites G1 e UOL no Brasil, analisar o que é atribuído ao Islã, quais características se podem tomar conhecimento na forma de produção de notícias da mídia e do Islã, quais conceitos ou preconceitos a mídia trabalha a respeito do Islã e como o Islã é visto pela mídia virtual no Brasil devido as tensões religiosas e os conflitos dos terroristas, a palavra terrorista serve para designar um protagonista de um ato de terror, mas a palavra se vê mais atribuída a estrangeiros que se utilizam dessa prática, não do mesmo modo que o indivíduo de uma mesma nacionalidade que provoca tal ato em seu próprio país é visto, ele é tido como louco, com uma insanidade por realizar a prática do terror em seu próprio país, os média vão tratar o caso como isolado, não irá representar todo um país ou comunidade mas apenas o indivíduo, diferente do modo como estão se habituando a abordar o Islã, sempre os indivíduos acabam por o envolver como um todo, a pesquisa tentará responder o porque dessa questão, comparando nas narrativas dos autores, como o Edward Said fundamental para esta pesquisa trazendo toda a sua bagagem de estudos sobre o Oriente, o Islã nos livros *Orientalismo* e *Cobrindo o Islã*, discutindo a abordagem midiática produzida a respeito do Islã, propondo nesta pesquisa verificar como isso se dá no Brasil pelas mídias virtuais G1 e UOL, para entender e analisar o quê e como a mídia e os brasileiros produzem conhecimento ou concepções sobre o Islã.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Foram escolhidos para esta pesquisa os autores Edward Said, que em seus livros, “*Orientalismo*” e “*Covering Islam*”, trata do assunto em questão a ser discutido neste trabalho, em *Orientalismo* ele discorre sobre o longo caminho que se propõe a figura do orientalista na abordagem do Oriente discutindo diversas obras de outros autores sobre o Oriente, e faz análises críticas a partir das obras e do ponto de vista dos autores em relação ao Oriente, ele também apresenta em sua análise a abordagem ocidental do Oriente e sua representação pela mídia e os desafios dela em reporta-lo, aprofundando o assunto para assim se chegar ao foco deste estudo, que é a reportagem do Islã, o livro, “*Covering Islam*”, vai trazer análises e reflexões sobre a abordagem da mídia, em questão o Islã, retratando os desafios de reporta-lo, o que auxiliará nas interpretações do Islã, Devido a essas contribuições. Noam Chomsky que traz uma reflexão sobre a mídia com sua participação política na propaganda de informações e vê a mídia como um agente transformador que junto a um público atribui sentidos e forma opiniões a respeito do objeto a ser noticiado, entendendo a mídia como parte fundamental da política sendo este um dos meios dos quais se utiliza na democracia para reproduzir uma discurso e assim gerar um senso coletivo, disseminar uma ideia, uma informação na transmissão de notícias. Para melhor entender o Islã, como ele funciona e como se reproduz utilizaremos do autor Peter Antes que em seu livro, *O Islã e a Política*, discorre sobre a religião e a política do Islã, abordando a religião dos muçulmanos, as divisões sunitas e xiitas e as subdivisões que são suas vertentes e como reproduz cada tipo de escola muçulmana também na questão de legislação, para assim nos possibilitar de realizar uma análise equilibrada nesta pesquisa, que trata o atentado ao jornal Francês, tendo repercutido no mundo todo. O Islã virou objeto de estudo e voltou a ocupar a atenção da mídia e do seu público, a preocupação com o Islamismo por ser uma religião radical e agressiva tem crescido e assim podendo surgir pela maior parcela da população essa forma de pensamento relacionado ao Islã. Para entender a questão do Islã começemos do início, o orientalismo, para chegar ao objetivo desta pesquisa. Said vai dizer que o Oriente não é uma invenção europeia mas sim uma proposta do Ocidente com interesses na dominância no Oriente e que tudo isso só se deu porque era permitido no que se estivesse no Oriente e o fizesse sem uma resistência significativa do Oriente, enquanto que esse Ocidente que se tinha como o superior e civilizado abordando o outro como o estranho objeto de pesquisa, primitivo e que necessitava ser civilizado pelo europeu que se julgava superior e apto a produção de um conhecimento sobre o Oriente, que estaria sendo descoberto ou desvendado a partir dali por essa interpretação que foi se reproduzindo até chegar no que vemos atualmente em forma desses

estereótipos, Said e Chomsky concordam que por vezes a mídia falha na representatividade de determinados conceitos sobre o objeto de notícia, predominantemente pelo interesse político ou pela falta de conhecimento do Islã, e da forma como se dá a produção de notícia, e nos casos de atentados o terrorismo estar ligado a religião Islâmica como um todo. O trabalho trata-se de realizar uma verificação nesses sites (G1 e UOL) com o intuito de utilizar a fala dos autores para servir de parâmetro de comparação com a esfera midiática, tendo como objetivos a observância entre as reportagens, com o intuito de possibilitar estabelecer relações entre o discurso midiático e os autores com criticidade ressaltando os pontos relativos e características, no que assemelham e também no que diferem nos dois campos. Tratar do caso Charlie Hebdo durante o período do ocorrido e em reportagens posteriores sobre o mesmo fato, para alcançar uma quantidade relevante de dados sobre a pesquisa, propondo a verificação ampla do tema, possibilitando uma maior visão sobre o Islã, o que a mídia produz sobre o Oriente e o que diz a figura do Orientalista sobre as reportagens nos portais de notícias.

6. REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho tem como objetivo estabelecer relações dinâmicas entre o objeto a ser estudado (o evento Charlie Hebdo) através de análise das reportagens durante o atentado em 2015 e notícias posteriores que constam nos sites sobre esse mesmo evento, trazendo como base crítica, obras dos autores Said, Chomsky e Antes, que serão como base para guiar este estudo exercendo um comparativo das matérias que constam nos respectivos sites G1 e UOL sobre os atentados ao Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015, durante esse período de 2015 e de notícias posteriores referentes ao ocorrido, que constam nas plataformas de notícias, tendo como objetivo comparar o discurso do orientalista Said sobre o Islã, trazendo reflexão em seu livro o “Orientalismo” onde discorre sobre as representações do Ocidente sobre o Oriente, o surgimento da polarização, também como a ideia do “eles” e “nós”, toda a generalização e imagens de exótico, diferente, e da inferioridade oriental em relação ao ocidental que se foi desenvolvida ao longo dos anos, uma representação que os orientalistas buscam desconstruir. Said traz em seu livro, “Covering Islam”, sua análise sobre a representação do Islã pelos meios de comunicação, como a mídia e os especialistas determinam como o Islã é visto no resto do mundo, o autor apresenta o fracasso da mídia ocidental em reportar o Islã, com narrativas marginalizadas, e mostra pontos em que a mídia falha ao generalizar o Islã, a associação de sua imagem como fundamentalista e majoritariamente ligada ao terrorismo, fatores como a visibilidade que a mídia tem para os tipos de notícia envolvendo o Islã, como, exemplo nas formas de violência que muçulmanos e não-muçulmanos exercem e a visibilidade que a mídia destina a cada uma dessas formas de violências exercidas entre eles. Dito isso, neste projeto buscar tratar as abordagens feitas pelos portais de notícia no Brasil e sua repercussão através desses veículos de comunicação, em que se refere, G1 e UOL, abordando o evento ocorrido no Charlie Hebdo, para explanar o objeto estabelecendo relações com a bibliografia supramencionada, as causas do choque de culturas Ocidental e Oriental partindo de uma verificação das reportagens das mídias virtuais em relação ao Islã e o que diz o autor Edward Said. Considera-se a tamanha relevância da utilização do discurso orientalista neste trabalho, servindo como base estrutural e fundamental, para se refletir sobre Oriente, o Islã, e o choque das culturas, como a mídia e os especialistas determinam como o resto do mundo vê o Islã. Utilizando as análises da mídia que faz o linguista e ativista político de esquerda Noam Chomsky para entender como a mídia pode representar uma classe de interesses com determinados discursos e se isso se aplica ao objeto de estudo, Chomsky apresenta como a mídia pode ter participação em questões de interesses políticos e disseminar notícias em função

disso, com intuito de criar um senso coletivo junto ao público, criando uma realidade e manipulação das massas. Tendo em vista que será abordada a narrativa brasileira, bem como a postura que a mídia adota perante ao Islã, repercussão e maneiras de veicular notícias, levando em conta esse e os demais desafios desta pesquisa para assim contribuir na construção de um projeto contundente, relevante para os estudos voltados para o Islã. Este estudo busca analisar o discurso da mídia em relação ao Islã com base nos autores trabalhados nesta obra, estabelecer relações entre o discurso dos autores e os discursos da mídia com a finalidade de exercer comparações entre os respectivos discursos, como se constrói a abordagem midiática e a partir delas quais noções se podem tomar a respeito do discurso de notícia tendo em vista os desafios da mídia ocidental em reportá-lo, devido a poucos estudos sobre o Islã produzidos no Brasil e ainda a escassez de obras traduzidas para o português e trazidas ao Brasil, tornando o assunto exótico ou desconhecido inclusive para as mídias, assim torna-se relevante uma busca e análise de notícias nesse objeto, no que por ventura o Islã estabelecendo pode estar envolvido pela mídia e alguma relação com ações de indivíduos radicais. Para nortear o trabalho utilizando as obras de Edward Said, Noam Chomsky e Peter Antes para abranger com maior nitidez o tema afim de contrastar as respectivas reportagens veiculadas nas mídias G1 e UOL, a partir dessa cobertura do fato, buscar analisar como a mídia representa o Islã para o público brasileiro e a partir desse conteúdo explicar quais concepções do Islã podem então ser formadas entre a mídia e seu público consumidor, quais as principais características dessa representação, e por último se a mídia constrói ou reforça a ideia de estereótipos de um ponto de vista ocidental.

7. MÉTODOS / DESENHOS DOS INSTRUMENTAIS DE PESQUISA

A pesquisa trata-se da análise das reportagens feitas através das mídias virtuais G1 e UOL, a respeito do Islã, para que se possa identificar que imagem é transmitida sobre o Islã, e como participam a mídia e seus telespectadores em noções atribuídas ao Islã. O método a ser utilizado será o qualitativo, uma vez que este método se baseia em uma análise subjetiva do objeto analisado juntamente a interpretação do público alvo, de modo que se é pretendido aqui abordar o tema de maneira epistemológica verificando nas reportagens do site elementos que se relacionam com os autores Said, Chomsky e Antes. Pretende-se buscar o que se entende por Oriente e o Islã aos olhos da mídia e dos especialistas, em território brasileiro. Numa visão do que Said chama de “eles” e “nós”, analisar como se dão essas relações através da mídia, buscar as divergências entre ocidentais e orientais, comparar o discurso da mídia dos sites G1 e UOL, como se reproduzem as notícias sobre Islã por meio da obra, *Covering Islam* (1997), do autor Said, “o fracasso da mídia ocidental”, que descreve exatamente a falha da mídia ocidental em abordar, compreender e reportar o Islã. Utilizando Noam Chomsky que participa no auxílio de Said com análises críticas no livro *Orientalismo*, e que em seu livro “Mídia, propaganda política e manipulação” aborda a mídia e discorre sobre os conceitos dentro desse âmbito midiático. E por fim entre os principais autores aqui trabalhados, Peter Antes que aborda em seu livro “o Islã e a Política, neste livro ele discorre sobre a política e as práticas Islâmicas como o próprio título já sugere. Dessa forma buscar relacionar os autores com o que se pode obter com a análise nas reportagens sobre o atentado ao jornal Charlie Hebdo, assim será analisado o material no período de 2015 (ano do atentado) e algumas reportagens posteriores tratando do mesmo fato ocorrido no periódico francês, para identificar as tensões entre o Islã e a mídia.

8. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES

Este projeto conta com a análise de um dos maiores e mais ilustres especialistas da área, Orientalismo, Edward Said, senão o mais ilustre, que defende a ideia de uma “orientalização” em sua obra, *Orientalismo*, segundo ele o Oriente era quase que uma invenção europeia, uma ideia fantasiosa e romantizada criada pelo Ocidente sobre os orientais, uma forma de retratação constituída principalmente de estereótipos, em sua maioria de inferiorização e de caráter pejorativo, por vezes exagerado e errôneo a respeito dos orientais, o livro abre o debate para a seguinte questão, como quando nós pensamos no Oriente nos vem à mente noções pré-estabelecidas de seu povo, sua cultura, bem como modo viver, vestir, andar e falar, todas essas formas de se pensar o outro, Said discorre em seu livro, basicamente que é feita uma homogeneização do Oriente. Para Sílvia Montenegro a imprensa exerce o papel de um dos agentes mais importantes, em relação ao Islã sendo que os reconhece e individualiza como grupo, ao reportar-se sobre ele, o constrói socialmente e o transforma em visível de maneira específica a um público. Said em “*Covering Islam, como a mídia e os especialistas determinam como nós vemos o resto do mundo*” como o próprio subtítulo sugere, este livro trata da forma como as mídias e os especialistas apresentam o Islã para o resto do mundo, Said relata um fracasso da mídia em reportar o Islã, atribuições ao Islã que não lhe são comuns, bem como ideias distorcidas, a forma de polêmica em torno do Islã e como se torna difícil mencionar o Islã sem se deparar com as palavras, terrorismo e fundamentalismo, que se tornam praticamente como adjetivos do Islã. Na obra de Noam Chomsky, *Mídia*, é feita uma crítica forte a mídia tendenciosa, não parcial e desequilibrada buscando defender questões relacionadas à uma gama de assuntos geralmente associados a interesses políticos. A utilização do autor Peter Antes em seu livro “*O Islã e Política*” discorre sobre o Islã enquanto religião e o modo como a exercem bem como a política do Islã. Sílvia Montenegro busca reconstruir os eixos que estruturam o discurso jornalístico sobre o Islã local, através de notas que têm aparecido nas mídias nacionais sobre esta temática, isolando um repertório temático recorrente, isto é, um conjunto limitado de motivos que se repetem e que constitui a matriz do discurso jornalístico sobre o Islã no Brasil. Ingrid Gomes aborda as notas discursivas de representação do Islã nos veículos de notícia brasileiro realizando a análise dos discursos reproduzidos no Brasil, discorre sobre o crescimento de notícias voltados para o Islã em função de atentados aos quais o Islã é relacionado.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

ANTES, Peter. 1942. **O Islã e a Política** – tradução Frank Ursarski. – São Paulo: Paulinas, 2003.

CHOMSKY, Noam. **Mídia, propaganda política e manipulação** – tradução Fernando Santos - São Paulo Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2013.

GOMES, Ingrid. **A cobertura jornalística do Islamismo – narrativas marginalizadas e moralizantes**. Intercom – RBCC. v.37, n.1, p. 71-89. São Paulo, jan./jun. 2014

MONTENEGRO, Silvia. **Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil**. MANA 8(1):63-91, São Paulo: 2002.

SAID, Edward. **Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, Edward. **Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World**. New York: Pantheon. 1981.

| |
|-------|
| ANEXO |
|-------|

| |
|---|
| <p>MIOSONNAVE, Fabiano. Entenda o que aconteceu no ataque ao jornal ‘Charlie Hebdo’ em Paris. Folha de São Paul, 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2015/01/1576091-entenda-o-que-aconteceu-no-ataque-ao-jornal-charlie-hebdo-em-paris.shtml>. Acesso em; 14 de set. 2018.</p> |
|---|

| |
|--|
| <p>Desconhecido. Porque a França tem sido alvo de tantos ataques?. G1.com, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/por-que-a-franca-tem-sido-alvo-de-tantos-ataques.html>. Acesso em; 14 set. 2018.</p> |
|--|